



VNIVERSIDAD
D SALAMANCA

CAMPUS DE EXCELENCIA INTERNACIONAL

FACULTAD DE FILOLOGÍA

GRADO EN ESTUDIOS PORTUGUESES Y BRASILEÑOS

Trabajo de Fin de Grado

A PRONÚNCIA DO SEGMENTO
FRICATIVO PRÉ-PALATAL SONORO
DO PORTUGUÊS POR
HISPANOFALANTES

Autora: Andrea Freile Cabezas

Tutora: María Rocío Alonso Rey

Salamanca, 2017



**VNiVERSIDAD
D SALAMANCA**

CAMPUS DE EXCELENCIA INTERNACIONAL

FACULTAD DE FILOLOGÍA

GRADO EN ESTUDIOS PORTUGUESES Y BRASILEÑOS

Trabajo de Fin de Grado

A PRONÚNCIA DO SEGMENTO
FRICATIVO PRÉ-PALATAL SONORO
DO PORTUGUÊS POR
HISPANOFALANTES

Autora: Andrea Freile Cabezas

Firma

Tutora: María Rocío Alonso Rey

V°B°

Firma

RESUMO:

Neste estudo verificamos quais são as realizações do segmento fricativo pré-palatal sonoro do português /ʒ/ produzidas por hispanofalantes alunos de português L2, e de que maneira a pronúncia deles é influenciada pela posição em que dito segmento ocorre dentro da palavra. Os dados foram coletados com 9 participantes adultos num nível inicial de aquisição do português. Foi aplicado um teste de produção consistente na leitura e gravação duma lista de 27 palavras que continham o segmento-alvo representado pelas grafias <g> e <j> nas três posições que pretendíamos verificar (posição inicial absoluta, intervocálica e ataque silábico após consoante). Os resultados mostram 7 desvios relativos ao som fricativo pré-palatal sonoro que nos ocupa. De acordo com os dados obtidos, não parece haver uma grande influência do contexto fonológico sobre a pronúncia dos informantes, se bem é certo que foi verificado um índice ligeiramente maior de realizações corretas em posição inicial absoluta.

PALAVRAS-CHAVE:

Pronúncia, Hispanofalantes, Fricativo pré-palatal sonoro.

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO.....	5
2. ESTADO DA QUESTÃO SOBRE A PRONÚNCIA DE SEGMENTOS DO PORTUGUÊS POR HISPANOFALANTES.....	6
3. OBJETIVOS.....	13
4. METODOLOGIA.....	14
4.1. Os informantes.....	14
4.2. O teste aplicado.....	15
4.3. Procedimentos de pesquisa.....	16
5. DESCRIÇÃO DO SEGMENTO-ALVO DO PORTUGUÊS /ʒ/?.....	17
6. ANÁLISE DOS DADOS.....	20
6.1. Resultados.....	20
6.1.1. Como é pronunciado o segmento /ʒ/?	20
6.1.2. Há influência da posição que ocupa o segmento dentro da palavra?.....	23
6.2. Discussão	24
6.2.1. Como é pronunciado o segmento /ʒ/?.....	24
6.2.2. Há influência da posição que ocupa o segmento dentro da palavra?.....	29
7. CONCLUSÕES.....	30
BIBLIOGRAFIA.....	33
ANEXOS.....	36

Anexo 1: Gravações do teste

Anexo 2: Tabela dos dados dos informantes

Anexo 3: Lista de palavras do teste de leitura

Anexo 4: Dados extraídos do experimento

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o ensino formal de Português Língua Estrangeira (PLE) e Segunda Língua (L2) tem crescido significativamente, sendo os hispanofalantes um dos setores mais interessados na aprendizagem desta língua (RABASSA, 2010: p. 2). Esta grande demanda deve-se, entre outros motivos, à crença generalizada de que, por serem o português e o espanhol línguas tipologicamente tão próximas, a aprendizagem será rápida (CARVALHO, 2002: p. 597). É certo que isto pode acontecer num estágio inicial da aquisição, mas depois o alto grau de semelhança pode-se tornar numa desvantagem, pois o aprendente acaba por transferir conhecimentos da L1 na produção e receção da L2 (RABASSA, 2010; CARVALHO, 2002). As diferenças fonológicas entre as duas línguas são um dos aspetos mais dificilmente apreendidos, pois “como existem falsos cognatos semanticos, existem falsos cognatos foneticos, [...] (que) levam o estudante a uma pronúncia inapropriada dos sons do português” (CARVALHO, 2002: p. 599). E é que é no nível fonético-fonológico que com mais intensidade são verificadas as mencionadas transferências; estes aspetos têm sido estudados, “mas não têm merecido toda a atenção requerida por parte dos pesquisadores” (RABASSA, 2010: 7). Isto pode ser devido à escassa atenção que se tem dado à fonética e a fonologia no ensino de segundas línguas frente a outros aspetos linguísticos; a pronúncia tem sido frequentemente deixada de lado “em favor do ensino do ensino do léxico, funções e regras morfossintáticas da língua-alvo como único objetivo” (FERRIZ: p. 19). Na atualidade, o ensino e correção da pronúncia estão a reclamar o importante papel que têm na aquisição duma L2. Nos últimos anos têm sido desenvolvidos numerosos estudos focados na pronúncia do português por hispanofalantes, sendo os sons consonânticos mais trabalhados os fricativos alveolares (AKERBERG, 2000, 2001; ATANASOFF, 2009; SILVEIRA E SOUZA, 2011).

Nós queremos contribuir a esse conjunto de estudos com a nossa pesquisa sobre a pronúncia do segmento¹ fricativo pré-palatal sonoro /ʒ/² do português europeu padrão por alunos de Português L2 falantes de espanhol.

¹ Entendemos cá *segmento* como unidade linguística mínima com capacidade para diferenciar significados (GIL, 2007: p- 540).

² Neste trabalho utilizaremos os símbolos do Alfabeto Fonético Internacional (AFI).

A justificação da nossa escolha está na ausência de trabalhos encontrados que se foquem exclusivamente neste som, apesar de este ser uma das principais diferenças entre o sistema fonológico do português e do espanhol.

Com o nosso estudo exploratório tentaremos esclarecer quais são as realizações deste segmento produzidas pelos informantes hispanofalantes da nossa pesquisa. Uma outra questão que tentaremos elucidar será a possível influência da posição em que ocorre o segmento-alvo dentro da palavra sobre a pronúncia dos alunos.

Primeiramente faremos um estado da questão, reunindo aqueles estudos recentes à volta da pronúncia de segmentos consonânticos do português por hispanofalantes, e a partir dos quais definiremos no ponto seguinte os objetivos da nossa pesquisa. A continuação, daremos conta da metodologia utilizada na elaboração deste trabalho, na qual identificaremos os sujeitos participantes e forneceremos uma descrição do teste aplicado e dos procedimentos usados para a coleta de dados. Depois caracterizaremos o segmento do português que nos ocupa, tanto da perspectiva funcionalista–estruturalista, quanto da gerativista, referindo como é realizado, as grafias pelas quais pode ser representado e os contextos nos quais pode ocorrer dentro da palavra. No seguinte apartado vamos analisar os dados obtidos na realização do nosso experimento; isto é, quais foram as realizações do segmento fricativo pré-palatal sonoro do português produzidas pelos alunos falantes de espanhol que foram submetidos à pesquisa, e como influenciou nelas o contexto fonológico; neste ponto vamos também interpretar e discutir os resultados atingidos, assim como comparar estes com os apontados nos trabalhos de base de Soeiro (2010), Sobral, Freitas e Nobre (2006), Camargo (2009) e Silveira e Souza (2011). Finalmente referiremos as conclusões extraídas a partir dos resultados da pesquisa.

2. ESTADO DA QUESTÃO SOBRE A PRONÚNCIA DE SEGMENTOS DO PORTUGUÊS POR HISPANOFALANTES

Nesta seção damos conta dos estudos recentes a respeito da pronúncia em português por falantes de espanhol que constituíram a base deste trabalho. Devido à sua importância para a produção, assim como à escassez de trabalhos limitados exclusivamente ao âmbito da pronúncia, temos abrangido também na pesquisa os estudos que focam a percepção dos sons do português, bem como aqueles que dão conta da relação destes dois âmbitos (pronúncia e percepção) com a ortografia. Ficam fora do âmbito do nosso trabalho aqueles à volta da pronúncia das vogais do português pelas especificidades do estudo do

sistema vocálico português serem bastante diferentes das do estudo dos sons consonânticos, assim como aqueles focados em aspetos especificamente didáticos.

As principais linhas de investigação em relação ao âmbito da produção oral de hispanofalantes aprendentes de português e à aquisição da fonologia da L2 são as seguintes:

- Trabalhos de pendor didático, que propõem sequências de atividades para o desenvolvimento da produção oral dos alunos e dão conta dos resultados atingidos com a aplicação das mesmas em diferentes pesquisas (AKERBERG, 2000; ATANASOFF, 2009; SOARES, 2013; SOEIRO, 2010).
- Estudos que dão conta de pesquisas em relação à produção oral de hispanofalantes focados em possíveis segmentos dificultadores desta (CAMARGO, 2009).
- Estudos em relação à influência da língua escrita na pronúncia (AKERBERG, 2000, 2001; SILVEIRA e SOUZA, 2011; SOBRAL, FREITAS e NOBRE, 2006).

No trabalho de Soeiro (2010) a autora propõe uma série de atividades na aula para trabalhar a produção oral em português de alunos hispanofalantes em duas turmas de diferentes níveis da EOI de Valencia, com ênfase nos sons do português que levantam mais dificuldades aos aprendentes. Soeiro propõe orientar o trabalho na aula pela abordagem multicognitiva e multissensorial (MMA) de Edward Odisho, argumentando que “o ensino da pronúncia pode ser facilitado pela aplicação de outras metodologias de ensino que não as exclusivamente circunscritas ao âmbito auditivo” (SOEIRO, 2010: p. 89). Na fase inicial do processo recolheram-se as principais dificuldades na pronúncia dos alunos a partir de gravações em discurso oral não planificado, e com foco nas quais se vão desenvolver os exercícios na aula; a autora salienta como erros frequentes: a distinção entre /b/-/v/, /s/-/z/ e /ʃ/-/ʒ/; a pronúncia de /R/ e de /ʎ/; e o reconhecimento e produção de vogais orais e nasais. Mediante a avaliação da produção dos alunos a partir de gravações, a autora conclui que a aplicação adiantada da MMA nas aulas facilita o ensino da pronúncia e evita a cristalização de alguns erros. Porém, a autora reconhece que não foi possível atingir uma produção sem mácula, e aponta, concordando com outros trabalhos já referidos, que a aprendizagem da pronúncia requer um grande esforço por parte dos alunos, que devem dedicar muito tempo à aquisição deste âmbito da língua, e também um ensino muito consciente e orientado do professor.

Soares (2013) realiza uma pesquisa longitudinal com hispanofalantes alunos de português, também a partir da aplicação de exercícios; o autor procura conscientizar aos alunos dos padrões fonológicos da língua portuguesa e assim torná-los mais atentos à precisão da sua pronúncia mediante atividades de percepção auditiva, autoanálise e autoavaliação da produção oral. Para a sua pesquisa fez dois grupos de alunos de português de nível básico, um grupo de controlo e outro de experimento. O grupo do experimento foi exposto a uma ou duas lições de pronúncia por semana, seguidas de atividades orais, que tinham como objetivo salientar as diferenças fonológicas entre português e espanhol e evidenciar a correspondência ortografia-pronúncia. Durante o tempo da pesquisa, esse grupo também realizou dez atividades orais em casa para ouvir, identificar e produzir a característica fonológica em questão, assim como pós-atividades de auto monitoramento da produção oral e avaliação da instrutora. O grupo de controlo não recebeu lições de pronúncia e fez apenas duas atividades orais. A análise dos resultados revelou que a aplicação da sequência de atividades tinha proporcionado um avanço considerável entre os participantes do grupo do experimento, que não se verificou no grupo de controlo. O grupo exposto às atividades registou melhoras como maior precisão no uso do sistema fonológico do português e menor transferência do sistema fonológico do espanhol.

A linguista Marianne Akerberg também desenvolve vários trabalhos focados nesta noção da importância da percepção auditiva e da língua escrita para uma boa pronúncia. No Estudo IV sobre a percepção de /s/ e /z/ por hispanofalantes (AKERBERG, 2000), a autora tenta descobrir se a percepção trata-se de um aspecto de desenvolvimento, quais elementos poderiam influenciar, e se era possível a melhorar mediante exercícios. A base do trabalho era constituída por estudos feitos na UNAM, que manifestava que alunos de português hispanofalantes encontravam dificuldades na percepção, produção e representação gráfica das sibilantes do português (<s>, <ss>, <c>, <z>, <ç>, <x>). Para esta pesquisa a autora aplicou um teste de 50 palavras que continham os sons /s/ e /z/ escritas com grafemas diferentes a alunos agrupados em níveis (equivalentes a um semestre de estudo); algumas palavras formavam pares mínimos, e outras eram idênticas ao espanhol na grafia. Os alunos deviam decidir se a palavra continha um som surdo ou sonoro. Os resultados, sem apresentar diferenças muito significativas, mostraram que os estudantes de níveis mais avançados eram capazes de reconhecer mais sons do que os principiantes. Um dos grupos de 3º realizou o teste uma vez mais depois de fazer exercícios de discriminação dos sons e apresentou melhoras. Akerberg conclui que a percepção sim é em parte uma questão de desenvolvimento linguístico, pois os alunos de níveis mais avançados

mostraram em geral maior número de acertos. A pesquisa revela que a frequência de uso da palavra e o contexto fonético-fonológico dela não foram relevantes para a discriminação dos sons testados, mas a ortografia manifestou-se como um fator importante, pois a imagem visual da palavra fornece pistas para a sua percepção, especialmente no caso de estudantes principiantes.

A partir dos resultados do Estudo IV, Akerberg desenvolve outro estudo (V) sobre a interpretação dos fonemas /s/ e /z/ em português por falantes de espanhol (2001). Em esta pesquisa tenta descobrir, aprofundando-se na ortografia, como alunos procedem na discriminação das sibilantes. O teste aplicado aos aprendentes continha 20 palavras que envolviam os sons /s/ e /z/, a maioria das quais não tinham equivalente em espanhol. A autora procurava ver o que acontecia quando o aluno não podia reconhecer a palavra facilmente. O teste confirmou que os alunos tendiam a pronunciar as palavras idênticas ao espanhol segundo a sua L1; quando pelo contrário as palavras da L2 eram muito diferentes da L1, verificava-se uma melhor percepção auditiva e uma interpretação mais correta. A pesquisadora conclui neste estudo que a ortografia é um fator muito importante para apoiar a percepção, e remarca a necessidade de dedicar mais tempo a exercícios de percepção e ao ensino da ortografia como condição para uma boa pronúncia.

Nesta linha de estudos, Camargo (2009) realiza uma pesquisa para verificar a interferência da escrita em português na produção oral de alunos de português falantes de espanhol; a autora aponta que “certos desvios na produção dos sons do português (de Brasil) não se justificam apenas pela análise contrastiva entre L1 e L2, mas por interferência da leitura na produção oral e pela transferência de pronúncia de um vocábulo por outro” (CAMARGO, 2009: p. 21). Além disso, o estudo tem também como objetivo comprovar a influência de fatores como idade, L1, interferência, estilo e fatores de desenvolvimento na produção de sons da L2. O trabalho aborda os sons nasais, oclusivos, fricativos e laterais do português brasileiro, duma perspectiva comparativa sobre a ocorrência ou não destes sons na LM dos informantes (espanhol e inglês americano) para detectar quais são os possíveis obstáculos enfrentados pelos alunos dessas nacionalidades na produção oral em português. Para a pesquisa, os informantes tiveram de ler em voz alta uma lista de palavras e depois um pequeno texto; depois, a partir das gravações das leituras, foi realizada uma análise dos segmentos acima mencionados. As gravações foram feitas em dois momentos, com aproximadamente três meses de separação. No primeiro momento, as palavras foram lidas sem fenómenos fonético-fonológicos diferentes da pronúncia brasileira; porém, na

segunda gravação os alunos já tiveram contato com o léxico, e foram registados desvios dos padrões fonéticos do português na produção oral deles. Tal como mostram os outros estudos referidos neste estado da questão, os desvios dos hispano falantes frequentemente foram a respeito das sibilantes, nomeadamente desvozeamento de /z/ e dificuldade da oposição de vozeamento entre esta e a sua correlativa surda /s/. Também se notaram processos de velarização e palatalização em hispano e anglofalantes, provavelmente por influência das suas LM. Dos segmentos estudados, os que menos dificuldades levantaram foram os oclusivos.

Nesta corrente da influência da ortografia no desempenho da produção oral, Freitas, Nobre e Sobral (2006) levam a cabo uma pesquisa com estudantes de português falantes de espanhol para verificar a interferência das diferentes configurações dos repertórios sonoros e as diferentes relações entre grafema, fone e fonema na L1 dos alunos na sua pronúncia de L2. Os pesquisadores dão conta das diferentes formas de representar as consoantes obstruintes em início de sílaba no sistema ortográfico dos aprendentes, focando aqueles segmentos que possam ter repercussão no desempenho dos aprendentes por probabilidade de interferência da língua do aluno na língua alvo, e que revelem a sua procedência estrangeira. O corpus ideado para o teste da pesquisa tinha o objetivo de observar possíveis desvios na produção daqueles segmentos considerados plausíveis de sofrer interferência da L1, tendo em consideração características fonético-fonológicas das línguas envolvidas. As frases idealizadas foram lidas em voz alta pelos estudantes, cujas produções foram transcritas foneticamente e analisadas pelo programa PRAAT. Os resultados mostraram que os desvios nas produções das frases envolveram fundamentalmente os fones alveolares [s], [z] e palatais [tʃ], [dʒ], [ʃ], [ʒ] em posição de ataque, sendo o segmento alveolar sonoro /z/ o mais problemático e o surdo /s/ o que menos dificuldades levantaram.

Em relação também à correlação entre a percepção e a produção, Silveira e Souza (2011) desenvolvem uma pesquisa em torno das fricativas alveolares /s/ e /z/ em posição de ataque silábico, assim como de que maneira a ortografia, o contexto fonológico e o nível de proficiência dos participantes afetam essa relação. Para a pesquisa, alunos do curso de Português para falantes de espanhol (PFE) com diferentes níveis de proficiência foram submetidos a um teste de produção, que consistia na leitura de palavras apresentadas de maneira isolada, a maioria delas pares mínimos, contendo os sons /z/ e /s/ em posição de ataque. Depois essas mesmas palavras foram utilizadas para realizar um teste de percepção,

em que a forma gráfica não era apresentada, e que consistia na audição dos termos e a escolha do fonema em questão no computador. Os resultados mostraram que o desempenho no teste de percepção foi melhor do que no teste de produção. O fonema /z/ foi percebido com algo mais de precisão do que /s/, o qual não era esperável pois é um som inexistente na L1 dos alunos e na produção é frequentemente substituído por /s/; no teste de produção, /s/ foi produzido corretamente com mais frequência do que /z/, com resultados semelhantes aos verificados no estudo de Sobral, Freitas e Nobre (2006). Enquanto à correlação entre percepção e produção de /s/ e /z/, os resultados diferem dos apresentados nos estudos de Akerberg, concluindo neste trabalho que uma boa percepção dos sons alvo não implica melhor produção, e vice-versa, já que se constata que /z/ é consideravelmente melhor produzido do que percebido, ao contrário de /s/, que é produzido corretamente com uma frequência algo maior do que é percebido. A respeito da correlação entre produção de /s/ e /z/ e o nível de proficiência, considera-se esta fraca e não significativa, sugerindo que o desempenho do teste seria pior em níveis mais avançados por causa da fossilização. Enquanto à influência da ortografia, nota-se que as percentagens de acerto são sempre maiores para o teste de percepção, sendo neste a grafia mais fácil <ss> e a mais difícil <s>; no teste de produção a grafia mais fácil também <ss> e as mais difíceis <z> e <s>. Por fim, em relação à influência do contexto, a percentagem de acertos é menor para o contexto intervocálico, especialmente no teste de produção.

Estes mesmos aspectos (distinção e pronúncia correta dos sons /s/ e /z/ do português quando correspondentes às grafias <s> e <ss>) são abordados num estudo de Atanasoff (2009). A autora refere às dificuldades levantadas pela pronúncia destes dígrafos aos hispanofalantes pelo facto de no espanhol o grafema <s> corresponder ao som [s] e da inexistência do dígrafo <ss>, e de em português esse grafema se poder corresponder com os sons [s], [z], [ʃ] ou [ʒ] dependendo do contexto; nota-se também que os sons [s] e [z] característicos do <s> são compartilhados por outras grafias, o que dificulta a escolha da pronúncia certa. Além de verificar a produção dos sons do grafema <s> e do dígrafo <ss> dos estudantes de PFE, a autora do trabalho tem o objetivo de testar o impacto da utilização do material didático “Tá falado” na melhora da pronúncia. Para a pesquisa foram feitos três testes (leitura dum lista de palavras, leitura de um texto e fala livre) da produção da pronúncia do grafema <s> e do dígrafo <ss> dos informantes, alguns dos quais tinham aprendido português de maneira dirigida e outros de forma livre. Os sujeitos foram gravados antes de eles terem acesso à instrução mediante o mencionado material didático, para verificar a ocorrência e quantidade de erros, assim como o contexto fonético em que

eram produzidos. Na pesquisa a autora tira as seguintes conclusões: a pronúncia do grafema <s> quando correspondente a um som sonoro ([z] ou [ʒ]) requer em geral muito esforço para os hispanofalantes, e também está condicionada por aspectos individuais como aptidão, motivação e experiências pessoais; aqueles informantes com educação formal na língua (60%) pronunciaram o grafema <s> como [z] em contextos fonéticos relevantes (posição intervocálica e entre palavras antes de vogal ou consoante sonora), enquanto aqueles que adquiriram o português de maneira não dirigida (40%) não o produziram. Na segunda gravação se produz uma melhora na produção de /z/ na leitura da lista de palavras, que não foi verificada nos testes de leitura de texto e fala livre; doutro lado, pioraram os resultados na pronúncia de <s> entre palavras no teste de fala livre. Segundo a pesquisadora, isto “aponta que mesmo que a consciência metalinguística melhorou, não conseguiu influenciar tarefas cognitivamente mais complexas, como a fala livre e a leitura dum texto” (ATANASOFF, 2009: p. 23). Enquanto aspectos gerais de pronúncia, o 80% dos informantes registaram as dificuldades frequentes em hispanofalantes, tais como não nasalização das vogais, não pronúncia de /z/, etc.

Os trabalhos referidos acima postulam que os erros em pronúncia dos hispanofalantes aprendentes de português devem-se em grande medida à falta de conscientização dos alunos das diferenças da sua língua materna com o português. Isto se deve à falta de atenção do aprendente a respeito dos aspectos fonológicos diferenciadores, devido a que atinge cedo a capacidade comunicativa. Os sons mais trabalhados são as fricativas alveolares /s/ e /z/ por serem considerados nestes estudos como os principais segmentos problemáticos na aquisição da pronúncia do PFE.

No que diz respeito ao som que nos ocupa neste trabalho (o som fricativo pré-palatal sonoro do português) encontramos apenas algumas considerações sobre a pronúncia dele em posição de ataque silábico por hispano falantes alunos de português em três dos estudos referidos acima:

Sobral, Freitas e Nobre (2006: p. 13) apontam que na realização da sua pesquisa, os sujeitos hispanofalantes optaram em mais da metade dos casos por substituir o som [ʒ] por [ʝ], apesar da fricativa pré-palatal surda não fazer parte do sistema fónico da sua L1. Nota-se que na pronúncia da palavra *gelo*, provavelmente por influência a escrita, alguns dos informantes produziram a africada palatal sonora [dʒ] ao invés de [ʒ]. A percentagem de acertos na pronúncia do segmento em questão foi de 44,4% (SOBRAL, FREITAS, NOBRE, 2006: p. 14).

Camargo (2009: p. 65) apresenta o caso de dois informantes hispanofalantes, um deles com conhecimentos de inglês, que produziram a palavra *engenheiro* com um som africado [dʒ]. Em relação a isto, aponta que em espanhol esse som [dʒ] é representado pelas grafias <y> ou <ll>, por enquanto em inglês é representado geralmente pelas letras <j>, <g>. A autora diz que o sujeito cuja L1 era o espanhol, sua L2 era o inglês, e estava a adquirir o português, provavelmente produziu a palavra *engenheiro* dessa maneira numa mistura das três línguas que conhece.

Soeiro (2010: p. 83) considera que em geral os alunos de português sujeitos da sua pesquisa não tiveram grandes problemas na pronúncia de [ʒ]; porém, aponta que a articulação deste som nem sempre foi muito clara, e coincide com os estudos acima citados na tendência dos alunos pronunciarem nalguns casos a africada [dʒ], segundo a autora por influência da presença deste som no sistema do valenciano (língua falada pela maioria de alunos submetidos à pesquisa).

Podemos concluir em base aos estudos mencionados acima que os desvios mais frequentes dos hispanofalantes aprendentes de português a respeito da pronúncia correta do som fricativo pré-palatal sonoro do português em posição de ataque silábico, têm a ver com o desvozeamento ([ʃ]) ou africacão ([dʒ]) do som em questão.

Apenas encontramos dados em relação à influência na pronúncia da posição que o som ocupa dentro da palavra no trabalho de Silveira e Souza em relação às fricativas alveolares do português (2011: pp. 180-181); segundo o estudo, no teste de produção da pesquisa os sujeitos atingiram uma menor percentagem de acertos para o contexto intervocálico (54,07%) do que para a outra posição testada, a de início absoluto (65%).

3. OBJETIVOS

Tomando em conta os dados extraídos dos estudos que servem de base a este trabalho, temos definido duas questões que orientam a nossa pesquisa:

- 1) Como é pronunciado o segmento /ʒ/ do português por alunos falantes de espanhol?
- 2) Há influência da posição que ocupa o segmento-alvo dentro da palavra nas produções orais dos sujeitos?

A respeito do primeiro ponto e como já foi referido na introdução, interessa-nos quais são as realizações do segmento fricativo pré-palatal sonoro do português padrão produzida por alunos hispanofalantes de Português L2, assim como as possíveis razões pela que estas ocorrem. Como dizíamos, este segmento não faz parte do sistema fonológico do espanhol, sendo um dos pontos diferenciais entre este e o sistema do português; além disso, não encontramos trabalhos focados unicamente nesse segmento, apenas algumas referências nos trabalhos de base (SOEIRO, 2010; SOBRAL, FREITAS e NOBRE, 2006; CAMARGO, 2009). Em relação ao segundo ponto, queremos verificar se o fato de o segmento-alvo ocupar uma posição inicial absoluta, posição de ataque silábico precedido de consoante, ou posição intervocálica dentro da palavra influi no desempenho da produção oral dos informantes; temos definido esta questão por considerarmos a possível influência do contexto fonológico na pronúncia um aspeto de grande interesse para o estudo da produção de sons (AKERBERG, 2000; ATANASOFF, 2009; SILVEIRA e SOUZA, 2011).

Dado que ambas são questões pouco trabalhadas (especialmente a que diz respeito das realizações de /ʒ/), quisemos fazer um estudo exploratório para dar uma visão geral, de tipo aproximativo, sobre estes assuntos; o objetivo principal disto é plantear hipóteses que podem ser verificadas e desenvolvidas em investigações posteriores mais rigorosas, assim como desenvolver uma metodologia para futuras pesquisas.

O nosso estudo foi levado a cabo com 9 alunos hispanofalantes num nível inicial de Português L2. Para a coleta de dados, os sujeitos leram uma lista de 30 palavras isoladas que continham o segmento-alvo /ʒ/ nos diferentes contextos fonológicos referidos acima, e representado pelas grafias <g> e <j>. As leituras foram gravadas e as realizações de /ʒ/ produzidas pelos informantes foram transcritas e vazias numa tabela de Excel para posteriormente analisar os dados obtidos. Devido a diversas incidências, só foram consideradas as leituras de 27 das 30 palavras apresentadas.

4. METODOLOGIA

4.1. Os informantes

Para a realização da nossa pesquisa escolhemos um grupo de alunos hispanofalantes da Universidade de Salamanca numa fase inicial da aprendizagem do português. Devido à condição de principiantes na L2 dos sujeitos da pesquisa, temos deixado fora do nosso

estudo a realização do segmento /ʒ/ quando correspondente a <s>, <x> ou <z> em posição implosiva de sílaba, limitando-nos a estudá-lo apenas em posição inicial absoluta, em posição intervocálica e em posição de ataque silábico antecedido de consoante.

O grupo escolha foi uma turma de Português L2, que estava a finalizar o seu segundo quadrimestre de estudo. No momento da realização do teste os alunos tinham cursado por volta de 120 horas da disciplina. Antes de realizar o teste da pesquisa, preencheram uma ficha com o seu nome (sexo), idade, estudos que realizavam na universidade, língua(s) materna(s), conhecimentos prévios de português (sim/ não) e conhecimentos de outras línguas (quais). Desta maneira, foram descartadas as produções daqueles sujeitos cuja língua materna não era o espanhol, e daqueles com conhecimentos prévios de português. Os outros parâmetros, se bem não são determinantes para a realização da pesquisa, poderão ser tomados em conta na análise das produções dos sujeitos. Assim, dos catorze alunos entrevistados, foram tomadas em conta as produções de nove deles (três estudantes foram desconsiderados por terem línguas maternas diferentes do espanhol, e outros dois por possuírem conhecimentos prévios de português).

Os sujeitos do experimento são homens e mulheres (3 homens e 6 mulheres), de entre 18 e 22 anos. Todos são estudantes de filologias várias (italiana, hispânica, francesa, inglesa, e árabe e islâmica) e possuem conhecimentos de inglês. A maioria deles tem, aliás, conhecimentos doutras línguas (Ver *Anexo 2* com tabela dos dados dos informantes no anexo).

4.2. O teste aplicado

Para o teste da pesquisa foi elaborada uma lista com 30 palavras isoladas; a prova consistiu na leitura em voz alta da lista de palavras de parte dos alunos, e a gravação das produções realizadas por eles. (Áudios das gravações no *Anexo 1*)

Esta mesma metodologia é utilizada em vários dos nossos trabalhos de base: as provas realizadas para os seus estudos IV (2000) e V (2001) de Akerberg consistiram na leitura de listas de palavras que continham os sons [s] e [z] representados com diferentes grafias, algumas idênticas ao espanhol na escrita, e outras sem equivalente nesta língua; igualmente nas pesquisas de Camargo (2009), Silveira e Souza (2011) e Atanasoff (2009) os informantes tiveram de ler em voz alta uma lista de palavras apresentadas de forma isolada. De acordo com este último trabalho, a escolha desta metodologia deve-se a que a leitura dum lista é uma tarefa cognitivamente mais simples do que a leitura dum texto e a fala

livre. Além disso, Camargo (2009: p. 27) afirma que “os aprendizes de uma L2 geralmente apresentam desempenho melhor ao pronunciar palavras isoladamente do que quando expostos a um discurso livre”. Por isto achamos que a leitura duma lista de palavras isoladas era uma forma adequada de coleta de dados; porém, houve fatores que não previmos, como a velocidade de elocução dos informantes e a ausência de pausas entre as palavras, que dificultaram em grande medida a tarefa da análise das produções.

As palavras propostas apresentavam o som em diferentes contextos silábicos (em dez delas ocorria em posição inicial absoluta, em outras dez em posição de ataque silábico precedido de consoante, e em posição intervocálica nas dez restantes), para comprovar a possível influência da posição em que ocorre o som dentro da palavra sobre a produção oral dos alunos (ver *Anexo 3* com a lista de palavras do teste de leitura).

Devido a uma incidência, a lista apresentada aos alunos para a leitura continha duas vezes uma das palavras, *janela*; para a realização da pesquisa apenas será tida em conta a primeira ocorrência. Também temos desestimado as gravações da primeira palavra da lista, *anjo*, por causa de se ouvir de maneira pouco clara em vários dos áudios. Temos eliminado igualmente a palavra *adjectivo*, que fora escolhida para verificar a pronúncia do som que trabalhamos em posição de ataque silábico precedido de consoante; porém, a consoante precedente é uma <d>, o qual torna a palavra inválida para testar a pronúncia de /ʒ/ (pois esse <d> vai produzir uma pronúncia africada [dʒ]). Assim, ficamos com um total de 27 palavras.

4.3. Procedimento de pesquisa

As gravações do teste foram feitas com a gravadora de sons de Windows, com um computador portátil da marca Acer. Devido à acústica da sala e à baixa precisão da equipa utilizada para a gravação, os áudios tinham o volume muito baixo, e bastante ressonância. Um profissional na edição de som modificou os áudios com o programa ProTools, de maneira que estes tivessem mais volume e melhor qualidade de som. Para isso, o técnico normalizou os arquivos para subir o volume; isto é, subiu o volume das frequências que se ouviam mais baixas, e manteve as que se ouviam mais altas. Isto faz crescer a forma da onda, para depois poder mais facilmente equalizar os áudios com um *plugin* “a sete bandas”. Este *plugin* permite retocar as frequências de som, agudas ou graves; dado que neste caso havia demasiadas frequências graves (por causa das gravações serem feitas longe do microfone e num espaço relativamente grande), estas foram diminuídas, enquanto as

agudas foram ligeiramente aumentadas, conseguindo assim reduzir a reverberação. De qualquer forma, não puderam ser efetuadas muitas melhoras sem alterar as produções dos alunos, de maneira que nalguns casos os sons produzidos por eles não se escutam com total claridade.

Os dados extraídos da audição das gravações foram colocados numa tabela de Excel (ver *Anexo 4* com tabela dos dados tirados do experimento); perante às incidências mencionadas acima em relação às gravações, chegou-se à conclusão de que não era possível identificar com certeza absoluta todos os sons produzidos pelos sujeitos. Assim, queremos esclarecer que as tabelas que apresentam os resultados da pesquisa não são representativas, mas descritivas, sendo o nosso um estudo exploratório sobre as realizações do segmento /ʒ/ levadas a cabo pelos sujeitos da pesquisa, e sobre a influência nestas da posição que ocupa o som na palavra.

5. DESCRIÇÃO DO SEGMENTO-ALVO DO PORTUGUÊS /ʒ/

Tradicionalmente, do ponto de vista do Funcionalismo-Estruturalismo têm sido apontados quatro critérios de base articulatória para a classificação das consoantes, segundo os quais podemos estabelecer a descrição do segmento /ʒ/ (CUNHA, 1978: p. 29):

- 1) Modo de articulação: à diferença das vogais, na pronúncia das consoantes a corrente expiratória encontra sempre, em alguma parte da boca, ou um obstáculo total que a interrompe momentaneamente, ou um obstáculo parcial que a comprime (consoantes oclusivas e constrictivas respetivamente).
- 2) Entre as constrictivas encontram-se as fricativas, caracterizadas pela passagem do ar através de uma estreita fenda formada no meio da via bucal, o que produz um ruído comparável a uma fricção.
- 3) Ponto de articulação: o obstáculo total ou parcial necessário à articulação das consoantes pode produzir-se em diversos lugares da cavidade oral. As consoantes palatais formam-se pelo encontro do dorso da língua com o palato duro ou céu-da-boca.
- 4) Papel das cordas vocais: Enquanto as vogais são sempre sonoras, as consoantes podem ser ou não produzidas com vibração das cordas vocais. A presença ou ausência de sonoridade numa consoante reveste, em português, alta importância, por ser o único traço distintivo de algumas delas. Assim, o som fricativo palatal

pode-se corresponder com /ʒ/ ou com /ʒ/ em função de ser produzido com ou sem vibração das cordas vocais.

Conclui-se assim que /ʒ/ é um fonema consonântico fricativo palatal sonoro (correlativo do /ʃ/ surdo) oral.

Emiliano de maneira mais detalhada faz a distinção e classificação do segmento em primeiro lugar em base a três dicotomias fundamentais e a respetiva articulação: 1) Consoante-vogal; 2) Contóide- vocóide; 3) Obstruente- soante. Desta maneira podemos estabelecer em relação a /ʒ/ que faz parte dos segmentos:

- 1) Consoantes: “segmentos mais fechados e menos sonoros (do que as vogais), ocupam tendencialmente uma posição marginal na sílaba”.
- 2) Contóides: “segmentos produzidos com uma obstrução pronunciada à passagem do ar no trato oral no plano médio-sagital.”
- 3) Obstruintes: (segmentos nos quais há) “ausência de uma configuração articulatória propícia à ocorrência de ressonância no trato oral supralaríngeo” (EMILIANO, 2009: pp. 10-11).

Em segundo lugar, propõe-se como critério o grau de constricção (oclusão > aproximação fechada > oclusão/aproximação intermitente > aproximação aberta) para estabelecer as classes principais de segmentos (oclusivas, fricativas, vibrantes, ressoantes). O segmento que trabalhamos é produzido com aproximação fechada; é uma consoante fricativa, já que “é produzida com uma articulação que resulta em bloqueamento muito pronunciado da passagem do ar no trato oral. Esse tipo de bloqueamento provoca turbulência e fricção audível” (EMILIANO, 2009: pp. 17- 20).

O fonema /ʒ/ normalmente se realiza como una fricativa chiante (*chuintant*) alveolar (distingue-se das sonantes/*sifflantes* /z/ e /s/ por um maior volume da parte anterior da cavidade bucal), oral e sonora. (BARBOSA, 1983: p. 170).

Aprofundando mais, Emiliano propõe seis parâmetros articulatórios referentes ao trato oral supralaríngeo para a classificação das consoantes: 1) iniciador do fluxo de ar; 2) direção do fluxo; 3) estado da glote; 4) aspectos conformacionais da articulação; 5) modo de articulação/grau de constricção; 6) ponto de articulação (2009: p. 21). Em função disto, podemos estabelecer em relação ao som [ʒ]:

- 1) É produzido com um mecanismo de ar pulmónico e

- 2) egressivo (como todos os segmentos do português).
- 3) É um som vozeado, produzido com vibração das cordas vocais.
- 4) A direção do fluxo no canal bucal, em relação ao plano médio sagital, é central.
- 5) Enquanto ao grau de constrição, é uma consoante fricativa, como já referimos acima. Dentro destas, pertence ao grupo das estridentes, pois “é produzida com turbulência elevada e fluxo não laminar para lá da obstrução” (EMILIANO, 2009: p. 26).
- 6) A respeito do ponto de articulação, o articulador móvel envolvido é a lâmina da coroa da língua, que se encosta à zona pré-palatal da cavidade oral (articulador fixo).

Assim, podemos concluir fazendo referência unicamente àqueles traços pertinentes, que [ʒ] é um som fricativo lâmino-pré-palatal vozeado.

Da perspectiva da fonologia gerativista, e segundo o sistema de traços (binários) de Chomsky e Halle, a classificação do segmento /ʒ/ apresenta os seguintes traços: 1) -soan(te), 2) -ant(erior), 2) +cor(onal), 3) +son(oro), 4) -lat(eral) (MIRA MATEUS, 1982: p. 27):

- 1) Traço principal de classe
- 2) Traços relacionados com a cavidade
- 3) Traço relacionado com o modo de emissão
- 4) Traço relacionado com as aberturas secundárias

Este segmento /ʒ/ pode estar representado pelas seguintes grafias (VAZQUEZ CUESTA e MENDES DA LUZ, 1971: pp. 343-357):

<g> + e/i: *genro, gíria*.

<j>: *janela, hoje*.

<s> final de palavra ou sílaba diante de consoante sonora: *Lisboa, mais nada*.

<x> final de palavra diante de consoante sonora: *Félix vem*

<z> final de palavra diante de consoante sonora: *voz meiga*

Enquanto à sua ocorrência, pode-se produzir nas seguintes posições (FERRIZ, 2001: p. 176):

- Princípio absoluto: *gelo*
- Princípio de sílaba: *forja*
- Posição intervocálica: *loja*
- Posição implosiva antes de consoante sonora, como realização do arquifonema /S/: *desde*

6. ANÁLISE DOS DADOS

6.1. Resultados

6.1.1. Como é pronunciado o segmento /ʒ/ do português por alunos falantes de espanhol? (quais são as realizações do segmento-alvo).

A Tabela 1 mostra o número de ocorrências de cada som no teste de produção (por sujeito e no total), assim como as médias aritméticas destas, e as percentagens dos itens em que são produzidos.

Tabela 1

	[ʒ]	[j]	[j̃]	[x]	[h]	[g]	[i]	[ʝ]
Sujeito 1	5	9	13	0	0	0	0	0
Sujeito 2	4	10	7	3	2	1	0	0
Sujeito 3	0	5	21	1	0	0	0	0
Sujeito 4	27	0	0	0	0	0	0	0
Sujeito 5	22	0	3	0	0	0	1	1
Sujeito 6	3	12	12	0	0	0	0	0
Sujeito 7	6	1	7	2	5	0	0	6
Sujeito 8	17	4	5	0	0	0	0	1
Sujeito 9	25	0	2	0	0	0	0	0
TOTAL:	109	41	70	6	7	1	1	8
MÉDIA:	12,11	4,56	7,78	0,67	0,78	0,11	0,11	0,89
% de 243 (27*9) ¹	44,86%	16,87%	28,81%	2,27%	2,83%	0,41%	0,41%	3,29%

(¹n°. de palavras* n°. de sujeitos)

Como podemos observar na tabela, a média de acertos é de 12,11, o que equivale ao 44,86% dos itens testados. Isto mostra que, embora há muita variação nas produções dos sujeitos, o som [ʒ] ainda foi pronunciado em mais casos do que as outras realizações levadas a cabo por estes.

Além da realização correta fricativa pré-palatal surda, foram registadas na pesquisa outras 7 realizações incorretas.

Em muitos casos os alunos produziram sons pertencentes ao sistema fônico do espanhol. Os mais frequentes foram as realizações do fonema palatal /j/, representado em espanhol pelas grafias <y> e <hi>:

O alofone [j] é uma consoante oral palatal fricativa central sonora, e realiza-se como tal em posição inicial ou medial intervocálica. A realização fonética [j] é muito próxima de sons de natureza vogal, e a sua articulação tem muito a ver com a da vogal [i] e da semiconsoante [j]; produz-se com a língua colada à parte média e anterior do palato duro, de maneira a formar no centro um pequeno canal por onde escapa o ar, fazendo vibrar as cordas vocais. O véu palatino fica subido, pelo que o ar sai só pela boca. Este desvio tem 41 ocorrências e foi produzido numa média de 4,56 casos por sujeito, num 16,87% dos itens testados.

O alofone [jj̃] é uma consoante oral palatal africada sonora. Realiza-se como tal quando o fonema /j/ é precedido por uma consoante lateral ou uma nasal; quando /j/ encontra-se em posição inicial absoluta e é pronunciado com ênfase também ocorre o alofone africado. A realização normal da variante [jj̃] constitui um tipo de articulação bissegmental, integrada por um momento oclusivo seguido dum momento aproximante. Articula-se mediante o contato do pré-dorso da língua com a região palatal, que interrompe momentaneamente a saída do ar; logo, esse contato resolve-se suavemente, sem brusquidão, num estreitamento. O ar sai apenas através da cavidade bucal, e as cordas vocais vibram (MARTINS, 2000: pp. 77-78; VEIGA, 2002: pp. 235-245). Este desvio é o mais frequentemente produzido na nossa pesquisa, já que tem 70 ocorrências e foi pronunciado uma média de 7,78 vezes por sujeito, num 28,81% dos itens testados.

Além destes, três dos sujeitos produzem também nalgumas palavras a consoante fricativa velar surda [x] do espanhol, representada pelas grafias <j> e <g+e, i>. Na pronúncia deste som, a ponta da língua fica ao nível dos incisivos superiores; não há vibração das cordas vocais, e o contato entre o pós-dorso da língua e o véu palatino não é completo. Por este estreito canal discorre o ar, produzindo um ruído mais forte do que uma simples aspiração (MARTINS, 2000: p. 83). Este desvio tem 6 ocorrências e foi produzido numa média de 0,67 casos por sujeito, num 2,27% dos itens testados.

Também foi registado como desvio em três dos informantes o som fricativo glotal surdo [h] (também chamado “aspiração faríngea”). Este som pode ser uma realização dos fonemas /s/ e /x/ do castelhano em várias zonas de Espanha e América do Sul, e pode

estar representado pelas grafias <s> e <j>, <g+e, i>, respetivamente. Articula-se igual que [x], excepto porque a língua não faz contato com o véu, e a fricção do ar produz-se na faringe (ALBA, 2001: p. 49). Este som tem 7 ocorrências e foi produzido numa média de 0,78 casos por sujeito, num 2,83% dos itens testados.

Outro dos sons produzidos é a consoante oclusiva velar sonora [g], representado em espanhol e português pela grafia <g>. Na realização deste som, o pós-dorso da língua eleva-se contra o véu palatino, de maneira a fechar a saída do ar. A ponta da língua fica mais baixa do que os incisivos superiores. Na explosão produzida para liberar o ar há vibração das cordas vocais. (MARTINS, 2000: p. 81) Este desvio é produzido apenas uma vez por um dos sujeitos, o que faz uma média de 0,11 ocorrências por sujeito, num 0,41% dos itens testados.

Um dos sujeitos produziu num dos itens o som [i], que é uma vogal oral, anterior ou palatal, fechada, deslabializada. Para sua articulação a língua coloca-se na posição mais adiantada dentro da cavidade bucal (isto é, a zona do palato duro), e aproxima-se do palato até o máximo permissível para a articulação de vogais. Não há arredondamento dos lábios. O ar sonorizado procedente das cordas vocais não encontra obstáculos na sua passagem pelo trato oral (como em todos os sons vocálicos). Do ponto de vista acústico, [i] é uma vogal de timbre agudo, porque para a produzir a língua ocupa uma posição anterior na boca, o que faz com que a cavidade de ressonância anterior seja pequena em relação à posterior (MARTINS, 2000: pp. 24-27). Da mesma maneira que no som anteriormente referido, este desvio tem apenas uma ocorrência, sendo a média por sujeito de 0,11, num 0,41% dos itens testados.

Três dos sujeitos pronunciaram várias das palavras do teste com o som [ʃ], que é o correlativo surdo do som que nos ocupa; não faz parte do sistema fonológico do espanhol (apenas está presente nalgumas variedades dialetais). No português é representado pelas grafias <s>, <x> e <ch>. É uma consoante fricativa pré-palatal surda; para a sua articulação, aproxima-se o pré-dorso da língua à zona pré-palatal. Não há vibração das cordas vocais. Este desvio tem 8 ocorrências e foi produzido numa média de 0,89 casos por sujeito, num 3,29% dos itens testados.

6.1.2. Há influência da posição que ocupa o segmento dentro da palavra (posição inicial absoluta, posição de ataque silábico precedido de consoante, ou posição intervocálica) nas produções orais dos sujeitos?

A Tabela 2 mostra o número de ocorrências de cada som em cada uma das posições testadas, as percentagens em que eles são produzidos em cada posição, e as percentagens das posições em que ocorre cada um deles na pesquisa.

Tabela 2

		[ʒ]	[j]	[j̃]	[x]	[h]	[g]	[i]	[ʃ]
Início absoluto	Ocorrências	40	21	14	1	1	0	0	4
	% de 81 ¹	49,38%	25,93%	17,28%	1,23%	1,23%	0%	0%	4,94%
Entre vogais	Ocorrências	39	14	25	5	2	0	1	4
	% de 90 ¹	43,33%	15,56%	27,78%	5,56%	2,22%	0%	1,11%	4,44%
Ataque silábico após consoante	Ocorrências	30	6	31	0	4	1	0	0
	% de 72 ¹	41,67%	8,33%	43,06%	0%	5,56%	1,39%	0%	0%

(nº. de ocorrências do som em cada posição/ nº. de palavras para testar essa posição* nº. de sujeitos)

Como vemos na Tabela 2, a posição na qual registamos um maior índice de acertos é o início absoluto de palavra; foram verificadas 40 ocorrências de [ʒ], num 49,38% dos 9 itens propostos para testar este contexto. O desvio com mais ocorrências nesta posição foi o som [j], produzido em 21 casos, num 25,93% das palavras. Outra realização incorreta significativa foi [j̃], com 14 ocorrências, num 17,28% dos itens. Encontramos também 4 ocorrências de [ʃ] (4,94%), uma de [x] e outra de [h] (1,23% cada uma).

A posição na qual foram registados menos acertos é a de ataque silábico antecedido de consoante; neste caso, as realizações corretas (30 ocorrências de [ʒ], num 41,67% dos 8 itens propostos para testar este contexto) são superadas em número pelo desvio [j̃], com 31 ocorrências, num 43,06% dos itens. Nesta posição encontramos outros desvios, mas em quantidades pouco significativas: [j] aparece em 6 ocasiões (8,33%), [h] em 4 (5,56%), e [g] em uma (1,39%).

Para a posição intervocálica, o número de acertos ainda é maior do que o de outros desvios, com 39 ocorrências de [ʒ], num 43,33% dos 10 itens propostos para testar este contexto. O desvio mais frequente foi [j̃], produzido em 25 casos, num 27,78% dos termos. O som [j] tem 14 ocorrências, sendo também um desvio relevante (25,56%). Outras realizações incorretas registadas nesta posição foram [x], com 5 ocorrências (5,56%); [ʃ], com 4 (4,94%); [h] com 2 (2,22%); e [i], com uma (1,11%), sendo esta posição a que apresenta uma maior variedade de realizações incorretas.

6.2. Discussão

6.2.1. Como é pronunciado o segmento /ʒ/ do português por alunos falantes de espanhol? (quais são as realizações do segmento-alvo).

Como foi dito no ponto anterior, na tentativa de pronunciar o som fricativo pré-palatal sonoro do português os alunos falantes de espanhol produziram alguns desvios, nomeadamente relativos à pronúncia doutros sons pertencentes ao sistema fonético da sua língua materna. Segundo o “Mecanismo de Classificação de Equivalência”, desenvolvido por Flege (1987), o aprendiz de uma L2 tenta reconhecer os sons segundo categorias fonéticas da L1; ou seja, os alunos “estabelecem equivalências entre o som ouvido e o mais parecido na L1”. Este mecanismo é muito frequente no caso de línguas tão próximas como o espanhol e o português (AKERBERG, 2004: pp. 118-119). Assim, era esperável que os alunos optassem por substituir o segmento fricativo pré-palatal sonoro do português /ʒ/ pelo fricativo palatal sonoro do espanhol /j/, que apenas difere levemente do primeiro no ponto de articulação. A variação entre os sons produzidos nas diferentes posições pode ser devida a que o fonema /j/ em espanhol apresenta dois alofones em distribuição complementar, que ocorrem em função da posição que o som ocupe na palavra: o alofone [j], que surge em posição inicial absoluta e em posição intervocálica, e o alofone [j̃], que surge em posição de ataque silábico precedido de consoante lateral ou nasal, e em posição inicial absoluta com pronúncia enfática. O fonema /ʒ/ do português não apresenta esta variação alomórfica, mas é possível que esta tenha sido transferida da L1 dos aprendentes ao sistema fónico da L2. Isto explicaria porque [j̃] ocorre num 51,22% das vezes em posição de ataque após consoante, e [j] num 51,22% em início absoluto de palavra; porém, como vemos na Tabela 3 (que mostra as posições nas quais foram registadas as realizações incorretas), não há apenas diferença na ocorrência destes sons em posição intervocálica

([j̃j̃]= 35,71%; [j̃j̃]= 34,15%), quando o esperável seria um número significativamente maior do alofone fricativo, de acordo com a distribuição dele no sistema fonético do castelhano.

Tabela 3

	Início absoluto	Entre vogais	Ataque silábico após consoante
[j̃]	51,22%	34,15%	14,63%
[j̃j̃]	20%	35,71%	44,29%
[x]	16,67%	83,33%	0%
[h]	14,29%	28,57%	57,14%
[g]	0%	0%	100%
[i]	0%	100%	0%
[ʃ]	50%	50%	0%

(nº total de ocorrências do som/ nº de ocorrências dele em cada posição)

Outra das possíveis razões para a ocorrência de [j̃j̃] poderia ser que em inglês os sons africados são representados na maioria das vezes pelas grafias <g> e <j>; dado que todos os informantes tinham conhecimentos de inglês, talvez produziram o som [j̃j̃] por influência desta língua.

Além disso, pode-se notar nas produções dalguns dos sujeitos a influência da grafia da palavra em castelhano. De acordo com os estudos de Akerberg (2000, 2004), há uma certa tendência de os alunos pronunciarem palavras idênticas ao espanhol segundo a sua L1. Assim, perante os étimos grafados com <g> ou <j>, que no sistema fônico do português são representativos do som [ʒ], mantêm a pronúncia que associam ao sistema grafofonémico da sua L1, isto é, o som [x]. Embora neste estágio da aprendizagem do português os alunos já estejam familiarizados com a correspondência entre as grafias <g>, <j> e o som [ʒ], as palavras comuns das duas línguas (como é o caso daquelas nas quais se produz este desvio: *raja*, *magenta*, *majestade* pelo Sujeito 2; *fugitivo* pelo Sujeito 3; *gente*, *magenta*, pelo Sujeito 7) são com frequência processadas muito rápido, sem pôr demasiada atenção nos detalhes fonéticos; desta maneira, os aprendentes interpretariam esta palavra segundo as regras da sua L1 (AKERBERG, 2004: p. 117). Segundo a autora mencionada acima, em palavras da L2 muito diferentes da L1, a interpretação seria mais correta. As palavras da lista que não são reconhecíveis desde o espanhol são *janela*, *longe*, *canja* e *loja*. Se olhamos a Tabela 4 com os índices de acerto para cada item, não vemos uma diferença muito significativa entre a percentagem de respostas corretas das palavras parecidas ou idênticas ao espanhol, e daquelas mais afastadas; é verdade que o pior desempenho (22,22%) é registado em *majestade* e *fugitivo*, termos (quase) iguais em castelhano, mas o maior índice de

acertos (66,67%) é também registado em palavras muito semelhantes em espanhol (*mensagem* e *gelo*).

Tabela 4

mensagem	66,67%	angina	33,33%	canja	55,56%
janela	44,44%	urgência	33,33%	loja	55,56%
gelo	66,67%	ajuda	44,44%	ginásio	44,44%
raja	44,44%	gente	44,44%	andrógino	44,44%
girafa	44,44%	magenta	33,3%	Argentina	44,44%
longe	55,56%	justiça	44,44%	ginete	44,44%
jovem	55,56%	laranja	44,44%	majestade	22,22%
hoje	55,56%	jóia	55,56%	injusto	33,33%
engenheiro	33,33%	agenda	44,44%	fugitivo	22,22%

A influência da grafia poderia explicar também o desvio [g], pois este é produzido na palavra *longe*; porém, em espanhol a grafia <g+e> corresponde-se em espanhol com um som [x], pelo que, se o desvio fosse devido à influência da escrita, o esperável seria uma realização fricativa velar surda. Aliás, como vemos na Tabela 4, este item apresenta um índice de acertos bastante elevado; dado que este som é pronunciado apenas por um dos informantes (Sujeito 2), que produz 5 dos 7 desvios possíveis registados (Tabela 1), é provável que esta realização seja devida à vacilação na pronúncia deste sujeito em particular.

O som [i] também é produzido apenas por um dos informantes (Sujeito 5) que, neste caso, não apresenta tanta vacilação como o anteriormente citado (produz 3 dos 7 desvios). Como vemos na Tabela 4, o item em que ocorre este desvio (*majestade*) é um dos que manifesta pior desempenho no teste (22,22%). Esta realização [i] poderia ser devida à grande semelhança articulatória entre este som e a consoante palatal fricativa sonora do castelhano [j], que é o desvio mais próximo da realização correta [ʒ]. Dado que ocorre em posição intervocálica (Tabela 3), poderíamos postular que o sujeito produz este som vocálico [i] (e não um som consonântico) pela perda de tensão articulatória neste contexto fónico.

A perda de tensão articulatória também poderia explicar a ocorrência do desvio [h], dado que esta aspiração faríngea é uma realização relaxada da fricativa velar surda /x/; porém, como mostra a Tabela 3, este desvio se produz em todas as posições testadas (14,29% em posição inicial absoluta, 28,57% entre vogais, e 57,14% em ataque silábico após consoante), pelo que a perda de tensão articulatória não seria uma explicação

satisfatória para as 7 ocorrências deste som. Dessas 7 ocorrências, 2 são produzidas pelo Sujeito 2 (que como vimos acima apresentava uma grande vacilação na pronúncia), e as outras 5 pelo Sujeito 7 que, como aparece na Tabela 1, é outro dos informantes com maior variedade de realizações incorretas (5 de 7 desvios possíveis). Isto faz pensar que esta realização poderia ser devida a uma grande insegurança na pronúncia destes falantes que, na hora de produzir um som, não adotam nenhuma conformação articulatória marcada ou definitiva, mas uma vaga e difusa como é a do som [h].

O desvio [ʃ] tem apenas 8 ocorrências no nosso trabalho, mas nos estudos de base é uma das realizações incorretas mais salientadas, o que faz pensar que a substituição da fricativa pré-palatal sonora [ʒ] pela sua correlativa surda [ʃ] sim é um erro frequente nos alunos de português falantes de espanhol. Isto poderia ser devido a que o traço de sonoridade não tem muita proeminência em castelhano, pois apenas serve para distinguir três pares de sons (/b, d, g/ frente a /p, t, k/) dum total de 17 fonemas consonânticos; assim, os alunos hispanofalantes prestariam menor importância a esse traço na percepção e produção de sons de uma L2 que o tenha (AKERBERG, 2005: p. 63). Este desvio foi produzido uma vez pelo Sujeito 5, e outra pelo Sujeito 8, informantes sem muita variação nas realizações incorretas (os dois produziram 3 dos 7 desvios); as 6 realizações fricativas pré-palatais surdas foram levadas a cabo pelo Sujeito 7 que, como vimos nos casos anteriormente citados, apresentava uma grande vacilação na pronúncia.

Sobral, Freitas e Nobre (2006: pp. 13-14) apontam no seu trabalho que o índice de acerto em relação ao segmento-alvo /ʒ/ é do 44,4 %. Estes dados são quase idênticos na nossa pesquisa, na qual a percentagem de acertos para esse segmento é do 44,86 %. De acordo com esse mesmo trabalho, os sujeitos da pesquisa optaram em mais da metade dos casos (55,6%) por substituir o som [ʒ] por [ʃ]; contudo, no nosso experimento esse desvio é registado apenas num 3,29% dos casos.

Segundo os trabalhos de referência, nalguns dos casos os sujeitos produziram um som africado em lugar do som fricativo [ʒ]: *engenheiro* no estudo de Camargo (2009: p. 66), *juiz* no de Soeiro (2010: p. 49), e *gelo* no de Sobral, Freitas e Nobre (2006: p. 13). Nestes estudos, o som referido é transcrito como [dʒ]; porém, este som não faz parte do sistema fonético do castelhano (apenas está presente nalgumas variedades dialetais). O som africado registado na realização da nossa pesquisa é [ʃʝ], isto é, a realização palatal africana sonora do fonema /j/ do castelhano. Devido à escassez de dados fornecidos nesses trabalhos sobre o som africado ao que fazem referência, não temos forma de saber se falam

de um som diferente do pertencente ao sistema do castelhano ([j̃j̃]), ou trata-se apenas de variação gráfica na representação dum mesmo som. Acreditamos que no estudo de Camargo a autora faz referência ao mesmo som que nós, porque diz que no espanhol encontramos um som [dʒ] “(representado) por <y> ou <ll>, como em *yo* [...] e *callado*” (CAMARGO, 2009: p. 65); no trabalho de Soeiro podemos ter bastante certeza de que se refere a um som [dʒ], presente no sistema fonético do valenciano. De qualquer maneira, coincidimos com os três estudos em que um dos desvios mais frequentes dos alunos hispanofalantes a respeito do som [ʒ] do português é a produção dum som africado. Os trabalhos, porém, dão diferentes razões para a ocorrência deste som africado ao invés do fricativo. Sobral, Freitas e Nobre (2006: p. 13) apontam em relação à palavra *gelo* que esta substituição se produz provavelmente por influência da escrita; porém, o som africado é um dos dois alofones de /j/, pelo que a correspondência entre o som e a grafia não é unívoca; da mesma maneira que o sujeito produz uma das realizações possíveis do fonema associado a essa grafia na sua L1, poderia ter produzido o outro, pelo que não considero pertinente a influência da escrita neste caso.

Camargo (2009: p. 65) expõe o caso da substituição em *engenheiro*; para a pesquisadora, a troca se produz pela mistura das três línguas que o sujeito conhece (espanhol, inglês e português). Do meu ponto de vista é a explicação mais razoável. Por seu lado, Soeiro (2010: p. 83) diz que a tendência à substituição de [ʒ] por um som africado é por influência da presença deste som no sistema do valenciano (língua falada pela maioria dos alunos submetidos à pesquisa); porém, os sujeitos da nossa pesquisa não tinham nenhum domínio da língua valenciana, e ainda produziram esse som em muitos dos casos.

Nenhum dos estudos dá conta doutros desvios diferentes de [j̃j̃] e [dʒ] (interpretado na nosso trabalho como [j̃j̃]); porém, na nossa pesquisa foram registados outros que, embora o número de ocorrências deles não seja significativo, não são casos isolados. Trata-se dos sons [x], [h] e [j]. Este último, alofone do segmento /j/, nem é mencionado nos trabalhos de base, o qual é curioso, pois os três referem o outro alofone deste fonema, o som africado [j̃j̃]. Na minha opinião isto pode ser por vários motivos: em primeiro lugar, o alofone [j] é um som que pertence exclusivamente ao espanhol, enquanto o som africado [dʒ] (muito próximo do alofone [j̃j̃]) encontra-se presente na variedade brasileira do português; isto pode fazer com que o som africado seja identificado mais facilmente pelos pesquisadores de origem lusófona por uma maior familiaridade com ele, enquanto o fricativo passa mais despercebido, o qual nos leva para o segundo motivo. A distinção

auditiva entre [j] e [ʒ] é mínima, pois ambos os sons distinguem-se levemente apenas no ponto de articulação ([j] é palatal enquanto [ʒ] é pré-palatal); é possível que, face o maior contraste com o som africado, os dois sons fricativos palatais sonoros foram interpretados como um mesmo som ([ʒ]) nestas pesquisas.

Segundo estes estudos, os desvios mais frequentes dos hispanofalantes aprendentes de português a respeito da pronúncia correta do som fricativo pré-palatal sonoro do português, têm a ver com os sons fricativo pré-palatal surdo [ʝ] e africado pré-palatal sonoro [dʒ]. Partindo dos dados coletados na nossa pesquisa, concordamos com que o som africado (que no nosso trabalho identificamos como [ʝ̃]) é um desvio frequente (28,81%), mas não [ʝ] (3,29%).

Concordamos com o exposto por Soeiro (2010: p. 83), considerando que em geral os alunos submetidos à pesquisa não tiveram grandes problemas na pronúncia de [ʒ] (no sentido de que não produziram sons muito afastados do requerido), embora esta nem sempre fosse muito clara. Assim, nos resultados do nosso teste teríamos um 94,24% de realizações (pré-) palatais ([ʒ], [ʝ], [j], [ʝ̃], [i]), frente a um 5,76% de realizações com outros pontos de articulação ([x], [g], [h]).

6.2.2. Há influência da posição que ocupa o segmento dentro da palavra (posição inicial absoluta, posição de ataque silábico precedido de consoante, ou posição intervocálica) nas produções orais dos sujeitos?

Podemos dizer em base aos resultados da nossa pesquisa que a influência da posição que ocupa o segmento dentro da palavra sobre a pronúncia dos informantes não parece muito significativa, se bem é certo que o índice de acertos varia para cada posição (início absoluto= 49,38%; entre vogais= 43,33%; ataque silábico após consoante= 41,67%). É possível postular que há um melhor desempenho para a posição inicial absoluta (talvez por uma maior saliência do segmento-alvo nesta posição), mas a oscilação entre os resultados atingidos para a posição intervocálica e a de ataque silábico precedido de consoante é mínima.

A respeito deste segundo ponto da nossa pesquisa, apenas há uma referência no trabalho de Silveira e Souza em relação às fricativas alveolares do português (2011: pp. 180-181); embora o nosso trabalho foque-se noutros sons, decidimos comparar os resultados

da nossa pesquisa com os do estudo mencionado acima por ser este o único encontrado que fornece dados confrontáveis a respeito da influência do contexto fonológico sobre a pronúncia. No trabalho de Silveira e Souza refere-se que na prova de produção da sua pesquisa os sujeitos atingiram uma menor percentagem de acertos para o contexto intervocálico (54,07%) do que para a outra posição testada, a de início absoluto (65%). Conforme aos nossos resultados, o índice de acertos para a posição intervocálica (43,33%) é também menor do que para a posição inicial absoluta (49,38%), mas é maior do que para a posição de ataque silábico precedido de consoante (41,67%), posição não testada no estudo de Silveira e Souza.

7. CONCLUSÕES

De acordo com os resultados da nossa pesquisa temos chegado às seguintes conclusões sobre a pronúncia do segmento fricativo pré-palatal sonoro /ʒ/ do português por hispanofalantes:

- Segundo os dados obtidos, o índice de acertos a respeito do segmento-alvo é do 44,86%. Estes resultados coincidem em grande medida com os fornecidos pelo estudo de Sobral, Freitas e Nobre (2006: pp. 13-14), que apontam um índice de acertos do 44,4% para o som que nos ocupa.
- No teste de produção foram registadas 7 realizações incorretas do segmento-alvo: [j], [j̃], [x], [h], [g], [i], [ʃ]. Destas, as mais frequentes foram [j̃], que foi produzida num 28,81% dos itens testados, e [j], verificada num 16,87 % dos casos. Os outros desvios apresentam percentagens pouco significativas, que oscilam entre o 0,41% e o 3,29%.
- Segundo os estudos de Soeiro (2010), Sobral, Freitas e Nobre (2006) e Camargo (2009), os desvios mais frequentes dos hispanofalantes aprendentes de português a respeito da pronúncia correta do som fricativo pré-palatal sonoro do português têm a ver com os sons fricativo pré-palatal surdo [ʃ] e africado pré-palatal sonoro [dʒ]. Partindo dos dados coletados na nossa pesquisa, concordamos com que o som africado (que no nosso trabalho identificamos como [j̃]) é um desvio frequente (28,81%), mas não [ʃ] (3,29%).
- É provável que os dois desvios mais frequentes ([j] e [j̃]) foram produzidos por influência do sistema fonético do espanhol, pois são alofones do segmento fricativo

palatal sonoro /j/ desta língua, que apenas difere levemente do segmento-alvo no ponto de articulação.

- No trabalho são apontadas possíveis razões para a ocorrência dos outros desvios; porém, devido ao escasso número destes, podemos postular que na maioria dos casos estas realizações incorretas são produzidas por características pessoais dos falantes, nomeadamente insegurança na pronúncia.
- Apesar da grande variedade de desvios registados na nossa pesquisa, consideramos que os alunos não pronunciaram sons muito afastados do requerido, pois segundo os nossos dados os informantes produziram um 94,24% de realizações (pré-) palatais ([ʒ], [ʝ], [j], [j̃], [i]), frente a um 5,76% de realizações com outros pontos de articulação ([x], [g], [h]).
- A posição dentro da palavra na qual registamos um maior índice de acertos (49,38%) é o início absoluto de palavra, talvez por uma maior saliência do som-alvo nesta posição; o desvio mais significativo neste contexto foi [j] (25,93%).
- A posição na qual foram registados menos acertos (41,67%) é a de ataque silábico antecedido de consoante; o desvio mais significativo nesta posição foi [j̃] (43,06%).
- Na pesquisa de Silveira e Souza (2011: pp. 180-181) os informantes atingiram um menor índice de acertos para a posição intervocálica (54,07%) do que para a posição de início absoluto (65%); segundo os nossos resultados, o índice de acertos para a posição intervocálica (43,33%) é também menor do que para a posição inicial absoluta (49,38%), mas é maior do que para a posição de ataque silábico precedido de consoante (41,67%), posição não testada no estudo de Silveira e Souza. O desvio mais frequente em contexto intervocálico foi [j̃] (27,78 %).
- Em base aos resultados da nossa pesquisa consideramos que a influência da posição que ocupa o som dentro da palavra sobre a pronúncia dos informantes não parece muito significativa.

Como dizíamos anteriormente, o objetivo deste trabalho é dar uma visão aproximativa, sobre estes aspetos pouco estudados; esperamos ter planteado hipóteses que podam ser verificadas e desenvolvidas em investigações posteriores mais rigorosas, pois acreditamos que o nosso estudo deixa muitos aspetos que podem ser melhorados em futuras pesquisas.

Para a realização do teste, num primeiro momento achamos acertada a metodologia da leitura dum lista de palavras, por esta parecer um processo simples e adequado ao nível dos nossos informantes. Porém, a velocidade de elocução dos sujeitos fez com que às vezes fosse difícil identificar alguns dos sons produzidos. A escolha das palavras também planteou alguns problemas. A ideia inicial era apresentar uma lista com 30 palavras, 10 para testar cada contexto fonológico; no fim, devido às várias incidências referidas no apartado de metodologia, o número de palavras idealizadas para cada posição ficou descompensado. Além disso a gravação do teste foi realizada com uma equipa e umas condições espaciais que dificultaram enormemente a identificação das realizações, o que fez quase impossível fazer afirmações contundentes sobre a natureza destas.

A maioria destes problemas foram produzidos pela precipitação, e teriam sido evitados se tivéramos realizado uma prova do experimento prévia à realização definitiva do teste de leitura, como foi sugerido pela orientadora.

Um outro aspeto melhorável para futuras pesquisas seria a utilização de ferramentas de medição mais precisas do que a simples audição para atingir uns resultados mais confiáveis; neste estudo não contávamos com os médios nem com os conhecimentos para a utilização de ferramentas digitais para este fim, mas teriam sido de grande utilidade para identificar sons com traços diferenciais mínimos, como por exemplo [ʒ], [j] e [ʝ].

Esperamos ter fornecido aspetos para investigar mais a fundo em estudos posteriores, como verificar com certeza quais são as realizações do segmento-alvo do nosso trabalho, por que motivos são produzidas, ou se efetivamente há influência do contexto fonológico sobre a pronúncia e como se verifica esta.

Um outro aspeto que poderia ser investigado seria a influência de fatores pessoais dos sujeitos sobre a pronúncia deles. Embora o nosso estudo não o leve em consideração, há uma diferença abismal entre as realizações produzidas por uns e outros sujeitos, pois alguns têm um índice de acertos quase total enquanto outros têm apenas uma ou duas respostas corretas; dado que todos eles têm o mesmo nível de formação em língua portuguesa, seria muito interessante verificar a que é devida essa grande variação no desempenho da produção oral, assim como averiguar de que maneira poderia ser melhorada a pronúncia daqueles sujeitos com mais desvios.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AKERBERG, M. (2000). Estudo IV: La percepción de /z/ y /s/ portuguesas por hispanohablantes. *Working Papers of the 11th Colloquium on Hispanic & Luso-Brazilian Literatures and Romance Linguistics*. Austin: University of Texas.
- AKERBERG, M. (2001). Estudo V: A interpretação dos fonemas /s/ e /z/ em português por alunos falantes de espanhol. *Anais do IV Congresso da SIPLÉ*. Rio de Janeiro: PUC-Rio.
- AKERBERG, M. (2004). A importância da palavra escrita para a pronúncia. En A. R. SIMÕES, A. M. CARVALHO, & L. WEIDEMANN, *Português para falantes de espanhol: Artigos selecionados escritos em português e inglês* (págs. 115-124). Campinas: Editora Pontes.
- AKERBERG, M. (2005). *Adquisición de segundas lenguas: estudios y perspectivas*. México, D.F.: UNAM.
- ALBA, O. (2001). *Manual de fonética hispánica*. San Juan (Puerto Rico): Plaza Mayor.
- ATANASOFF, N. (2009). *Podem falantes de PLE melhorar a sua pronúncia? Um estudo piloto sobre o impacto do programa Tá Falado na pronúncia do grafema <s> e do dígrafo <ss> por hispanofalantes (Trabalho de conclusão de curso)*. Estocolmo: Universidade de Estocolmo.
- BARBOSA, J. M. (1983). *Études de Phonologie Portugaise*. Évora: Universidade de Évora.
- CAMARGO, V. S. (2009). *Traços fonético-fonológicos do Português para falantes do espanhol e do inglês (Dissertação de mestrado)*. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- CARVALHO, A. M. (2002). Português para Falantes de Espanhol: Perspectivas de um Campo de Pesquisa. *Hispania*, 81(3), 597-608.
- CUNHA, C. (1978). *Gramática do português contemporâneo*. Belo Horizonte: Editora Bernardo Alvares.
- EMILIANO, A. (2009). *Fonética do português europeu: Descrição e transcrição*. Lisboa: Guimarães Editores.
- FERRIZ, M. d. (2001). *Fonología contrastiva del portugués y el castellano : una caracterización de la interlingua fónica de los castellanohablantes que aprenden portugués (Tese de doutoramento)*. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona.

- FLEGE, J.E. (1987). Effects of Equivalence Classification on the Production of Foreign Language Speech Sounds. En A. JAMES, & J. LEATHER (Eds.), *Sound Patterns in Second Language Acquisition* (págs. 9-39).
- GIL, J. (2007). *Fonética para profesores de español: de la teoría a la práctica*. Madrid: Arco.
- MARTINS, M. D. (2000). *Síntesis de fonética y fonología del español: para estudiantes brasileños*. São Paulo: Unibero.
- MIRA MATEUS, M. H. (1982). *Aspectos da Fonologia Portuguesa*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- RABASSA, Y. (2010). A Emergência da Especialidade de Ensino de Português para Hispanofalantes no Brasil. *Revista Helb*(4).
- SILVEIRA, R., & SOUZA, T. T. (20). A percepção e a produção das fricativas alveolares da língua portuguesa por hispano-falantes. *Revista de Estudos da Linguagem*, 19(2), 167-184.
- SOARES, C. (2013). Da análise da produção oral ao desenvolvimento da competência comunicativa. *Portuguese Language Journal*, 7.
- SOBRAL, C. d., NOBRE, M. M., & FREITAS, M. A. (2006). Relação fone-fonema-grafema na produção oral de aprendizes de PLE. *Portuguese Language Journal*, 1, 1-18.
- SOEIRO, R. C. (2010). *Dificuldades dos hispanofalantes na aprendizagem da pronúncia do português (Dissertação de mestrado)*. Porto: Universidade do Porto.
- VÁZQUEZ CUESTA, P. e. (1971). *Gramática Portuguesa (Tomo I)*. Madrid: Gredos.
- VEIGA, A. (2002). *Estudios de fonología funcional*. A Coruña: Tososoutos.

BIBLIOGRAFÍA CONSULTADA

- AGUILAR, L. (1997). *De la vocal a la consonante*. Santiago de Compostela: Universidad de Santiago de Compostela.
- ALONSO, R. (2012). *La transferencia en el aprendizaje de portugués por hispanohablantes*. Salamanca: Luso-Española de Ediciones.

- ALONSO, R. (2014). Português para hispanohablantes: aspectos teóricos y prácticos de un área emergente de investigación. *Estudios Portugueses y Brasileños*, 12, 9-26.
- DUTRA, A. (2008). *Aquisição do Português como Língua Estrangeira: Fenômenos de Variações no Âmbito Fonológico (Tese de doutoramento)*. Araraquara: UNESP.
- GRANNIER, M. D. (2000). Uma proposta heterodoxa para o ensino de Português a falantes de espanhol. En N. JÚDICE, *Português para estrangeiros: perspectivas de quem ensina* (págs. 1-12). Niterói: Intertexto.
- GRANNIER, M. D. (2004). Grandes dificuldades de comunicação devidas à falha da pronúncia. En A. R. SIMÕES, A. M. CARVALHO, & L. WEIDEMANN, *Português para falantes de espanhol: artigos selecionados em português* (págs. 175-182). Campinas: Editora Pontes.
- MARTÍNEZ CELDRÁN, E. (1989). *Fonología general y española: fonología funcional*. Barcelona: Teide.
- TEYSSIER, P. (1989). *Manual de língua portuguesa*. Coimbra: Coimbra Editora.

ANEXO 1

GRAVAÇÕES DO TESTE

https://drive.google.com/a/usal.es/file/d/0B_g3T0HOqBBgUk1VOF9ZcWlMYTQ/view?usp=drive_web

ANEXO 2

TABELA DOS DADOS DOS INFORMANTES

	Sexo	Idade	Titulação	Língua(s) materna(s)	Conhecimentos doutras línguas
S1	mulher	18	Estudos Hispânicos	espanhol e alemão	inglês e alemão
S2	mulher	18	Estudos Hispânicos	español	inglês
S3	mulher	22	Estudos Italianos	espanhol	inglês, francês, italiano, russo e catalão
S4	homem	19	Estudos Italianos	espanhol	inglês, francês, italiano, alemão e catalão
S5	mulher	20	Estudos Árabes e Islâmicos	español	inglês
S6	mulher	19	Estudos Ingleses	español	inglês e francês
S7	homem	18	Estudos Ingleses	español	Inglês, francês e italiano
S8	mulher	18	Estudos Ingleses	español	inglês
S9	homem	22	Estudos Franceses	español	Inglês, francês e italiano

ANEXO 3

LISTA DE PALAVRAS DO TESTE DE LEITURA

1. Anjo
2. Mensagem
3. Janela
4. Angina
5. Gelo
6. Raja
7. Girafa
8. Longe
9. Jovem
10. Hoje
11. Engenheiro
12. Janela
13. Urgência
14. Ajuda
15. Gente
16. Adjectivo
17. Magenta
18. Justiça
19. Laranja
20. Jóia
21. Agenda
22. Canja
23. Loja
24. Ginásio
25. Andrógino
26. Argentina
27. Jinete
28. Majestade
29. Injusto
30. Fugitivo

ANEXO 4

DADOS EXTRAÍDOS DO EXPERIMENTO

	S1	S2	S3	S4	S5	S6	S7	S8	S9
mensagem	[3]	[j]	[mj]	[3]	[3]	[3]	[mj]	[3]	[3]
janela	[j]	[j]	[mj]	[3]	[3]	[j]	[j]	[3]	[3]
gelo	[j]	[3]	[mj]	[3]	[3]	[3]	[j]	[3]	[3]
raja	[3]	[x]	[mj]	[3]	[j]	[3]	[j]	[j]	[3]
girafa	[j]	[j]	[j]	[3]	[3]	[j]	[3]	[j]	[3]
longe	[mj]	[g]	[mj]	[3]	[3]	[mj]	[3]	[3]	[3]
jovem	[3]	[mj]	[mj]	[3]	[3]	[j]	[j]	[3]	[3]
hoje	[3]	[j]	[mj]	[3]	[3]	[j]	[j]	[3]	[3]
engenheiro	[3]	[mj]	[j]	[3]	[3]	[mj]	[h]	[j]	[mj]
angina	[mj]	[mj]	[mj]	[3]	[mj]	[mj]	[h]	[3]	[3]
urgência	[mj]	[h]	[mj]	[3]	[mj]	[mj]	[mj]	[3]	[3]
ajuda	[mj]	[j]	[mj]	[3]	[3]	[mj]	[j]	[3]	[3]
gente	[j]	[j]	[mj]	[3]	[3]	[mj]	[x]	[3]	[3]
magenta	[mj]	[x]	[mj]	[3]	[3]	[j]	[x]	[j]	[3]
justiça	[j]	[j]	[mj]	[3]	[3]	[j]	[3]	[j]	[3]
laranja	[j]	[mj]	[mj]	[3]	[3]	[j]	[3]	[mj]	[3]
jóia	[mj]	[mj]	[mj]	[3]	[3]	[j]	[3]	[3]	[3]
agenda	[j]	[j]	[mj]	[3]	[3]	[mj]	[h]	[3]	[3]
canja	[mj]	[3]	[mj]	[3]	[3]	[j]	[mj]	[3]	[3]
loja	[mj]	[3]	[mj]	[3]	[3]	[mj]	[mj]	[3]	[3]
ginásio	[j]	[3]	[j]	[3]	[3]	[mj]	[mj]	[mj]	[3]
andrógino	[mj]	[j]	[mj]	[3]	[3]	[mj]	[3]	[3]	[mj]
Argentina	[mj]	[mj]	[mj]	[3]	[3]	[j]	[mj]	[3]	[3]
ginete	[j]	[h]	[j]	[3]	[3]	[mj]	[j]	[3]	[3]
majestade	[mj]	[x]	[j]	[3]	[i]	[j]	[h]	[mj]	[3]
injusto	[mj]	[mj]	[mj]	[3]	[3]	[mj]	[h]	[mj]	[3]
fugitivo	[mj]	[j]	[x]	[3]	[mj]	[j]	[mj]	[mj]	[3]

(vermelho: posição inicial absoluta; azul: posição intervocálica; amarelo: posição de ataque silábico precedido de consoante)